COX, TEORIA CRÍTICA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O REALISMO: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS[1]

COX, CRITICAL THEORY OF INTERNATIONAL RELATIONS AND REALISM: SIMILARITIES AND DIFFERENCES

Luis Felipe Telles Casanova[2]

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos[3]

Resumo: Este texto busca responder ao seguinte problema de pesquisa: a partir fundamentalmente da bibliografia de autoria de Robert W. Cox, como caracterizar diferenças e semelhanças da teoria crítica com o realismo e explicar seu apreço pelo legado teórico de Hedley Bull, considerando-o, por consequência, compatível com o enfoque da teoria crítica? O texto busca também testar a seguinte hipótese, que responderia ao problema enunciado: considerando várias diferentes possibilidades referentes a semelhanças e diferenças entre realismo e teoria crítica das Relações Internacionais, o principal ponto de semelhanças e diferenças reside na consideração comum da história, mas na abordagem de Cox o conceito de história de Cox é definido implicitamente de modo eclético, incoerente e impreciso.

Palavras-chave: Cox, Bull, Realismo, Teoria Crítica das Relações Internacionais.

Abstract: This paper seeks to answer the following research problem:based o Robert W. Cox´s bibliography, how is it possible to characterize differences and similarities between critical theory with realism and explain their appreciation for the theoretical legacy of Hedley Bull, considering it, therefore, compatible with the approach of critical theory? The text searches also test the following hypothesis, which answer to the stated problem: considering several different possibilities regarding the similarities and differences between realism and critical theory of International Relations, the main point of similarities and differences lies in the common account of the history, but in approach Cox´s concept of history is implicitly defined in an eclectic, inconsistent and inaccurate way.

Keywords: Cox, Bull, Realism, Critical International Relations Theory.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é discutir o seguinte problema de pesquisa: a partir fundamentalmente da bibliografia de autoria de Robert W. Cox, como caracterizar diferenças e semelhanças da teoria crítica com o realismo e explicar seu apreço pelo legado teórico de Hedley Bull, considerando-o, por consequência, compatível com o enfoque da teoria crítica? O segundo objetivo desta proposta é testar a seguinte hipótese, que responderia ao problema enunciado: considerando várias e diferentes possibilidades referentes a semelhanças e diferenças entre realismo e teoria crítica das Relações Internacionais, o principal ponto de semelhanças e diferenças reside na consideração comum da história, mas na abordagem de Cox o conceito de história é definido implicitamente de modo eclético, incoerente e impreciso. Explicando em outras palavras, Cox aceita a contribuição de Bull à teoria crítica. Ao fazer isso justapõe na teoria crítica duas definições distintas de história, incompatíveis, incoerentes entre si. Uma focada na singularidade histórica e outra na repetição caracterizada pela natureza recorrentemente anárquica e de equilíbrio de poder da sociedade internacional.

---

[1] Texto formulado inicialmente como relatório de pesquisa PIBIC Unesp 2015-2016 referente ao edital 14/2015 – PROPe-Unesp, PIBIC-PIBIT.
[2] Graduando em Relações Internacionais pela FFC-Unesp de Marília.
[3] Docente do curso de Relações Internacionais da FFC-Unesp de Marília

Para dar conta de discorrer sobre os objetivos mencionados, o presente texto foi organizado em três partes: uma introdução para esclarecer alguns conceitos relevantes, uma discussão bibliográfica e considerações finais resumindo os principais argumentos elencados.

A continuidade desse exercício se dá na observação das diferenças proposta por Cox entre as teorias *Problem-Solving* e da Teoria Critica em si. Conforme evolui a discussão nota-se a afinidade de Cox com Hedley Bull que, como será explicitado, tende a uma rotulagem Realista. Adentra-se então em um terreno de incompatibilidades por conta das críticas elaboradas por Cox as teorias *Problem-Solving* (onde o Realismo estaria inserido de acordo com o pensador canadense). A incompatibilidade supracitada conduziu à elaboração dos objetivos e hipóteses desse texto, que buscam refletir sobre as diferenças e semelhanças da Teoria Crítica e das teorias *Problem-Solving* e, para além disso, a reflexão do apreço de Robert W. Cox para com Hedley Bull e respectivas concepções de conceitos aparentemente não adequados para se correlacionarem. Para efeito de avaliação dessa reflexão faz sentido usar então o referencial de José Jeremias de Oliveira Filho sobre o ecletismo.

Uma breve referência sobre Cox. Nascido em Montreal no ano de 1946. Cientista político, professor e funcionário da Organização Internacional do Trabalho. Enunciou pioneiramente a Teoria Crítica das Relações Internacionais em 1981 (COX, 1981). Sobre as primeiras publicações de Cox, John S. Moolakkttu estabelece que

> seu trabalho nesse campo começou com a publicação de um artigo no Millenium: Journal of International Studies, no ano de 1981. Posteriormente desenvolveria suas ideias em muitas outras publicações. [...] Em um primeiro momento, suas ideias não seriam completamente aceitas na América do Norte, bastião principal das Relações Internacionais. Dessa forma a Teoria Crítica de Cox seria incluída no subcampo Economia Política Internacional [...] (MOOLAKKTTU, 2009, p. 440)[4].

Robert Cox considera que qualquer análise sobre o Sistema Internacional precisa considerar as condições históricas e sociais, tanto dos agentes como das estruturas que subjazem as relações política e econômica. Para tanto, ele investe na Teoria Crítica, considerada uma teoria social que observa o Estado, questionando seu verdadeiro papel, bem como possibilitando uma análise crítica de quais forças realmente seriam responsável pela moldagem da ordem mundial. Ou seja, a Teoria Crítica absorve elementos de historicidade, perspectivas de transformação e moldagem e uma abordagem teórica de totalidade social, englobando assim infinitas variáveis, com delimitações de caráter meramente metodológicas.

Cox associou o Realismo de pensadores como Hans Morgenthau e Kenneth Waltz a abordagens ahistóricas, objetivas na manutenção do *status quo* e com número limitados de variáveis, portanto, relativas a teorias *Problem-Solving*. Ocorre que, Cox menciona também (1996: p. 148, 152, 155) elogiosamente o teórico australiano Hedley Bull. Embora rotulado como pertencente a Escola Inglesa de Relações Internacionais, que elabora uma justaposição mediana entre Realismo e Idealismo, temos em Bull um arcabouço teórico bastante aproximado do Realismo. Sua análise sobre os conceitos de anarquia e equilíbrio de poder, conferem a ele tal aproximação.

Observa-se então que Cox caminha por construções teóricas que ele simultaneamente elogia e critica. Por assim dizer, Cox absorve contribuições bastante variadas, utilizando até mesmo do Realismo de Bull em seu constructo intelectual, explicitando então uma abordagem possivelmente rotulável como eclética. Segundo José Jeremias de Oliveira Filho "o uso de conceitos fora dos seus respectivos esquemas conceituais e sistemas teóricos, acabam por alterar seus significados. Pode provocar um discurso vazio ou obscuro, tornando a atividade intelectual muitas vezes estéril" (OLIVEIRA, 1995, p. 263).

[4] Doravante, todos trechos em inglês terão nossa tradução e terão o original em nota de rodapé. O trecho citado e traduzido tem a seguinte lavra no original: "His work in this field began with the publication of a seminal article in *Millennium: Journal of International Studies* in 1981. Subsequently, he developed his ideas in several other publications. […]At first, Cox's ideas received less recognition in North America, the great bastion of IR. Critical theory has since then come to embrace subfields like International Political Economy [...]".

Por outras palavras, o ponto a ser desenvolvido mais adiante refere à incompatibilidade de Bull no seguinte sentido: a base histórica que lhe serve de apoio em sua teorização é repetitiva, cíclica. Um tratamento ao conceito de história, portanto, incompatível com a ênfase na particularidade histórica no plano internacional enfatizada pela Teoria Crítica. Tal justaposição de entendimentos sobre a história na mesma linha de raciocínio caracterizaria o ecletismo referido no parágrafo anterior.

Com a temática principal devidamente introduzida, passar-se-á ao tópico da problemática da pesquisa. A propósito da hipótese enunciada, o tema do ecletismo será melhor desenvolvido no item seguinte, referente à metodologia.

O texto seguirá as seguintes etapas: uma discussão bibliográfica com a caracterização da Teoria Crítica por oposição às teorias *Problem-solving* seguidas da análise sobre Bull e sua teorização, seguida da reflexão sobre o realismo crítico de Cox e por fim, considerações finais.

2. DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA

"A teoria é sempre para alguém e para algum propósito"[5]. (COX, 1981: p. 128)

Robert W. Cox considera a si mesmo um teórico crítico. Uma tarefa autointitulada pelos teóricos críticos seria desmascarar as reais forças materiais e sociais que subjazem a ordem pré-estabelecida mundial. A tarefa da Teoria Crítica consistiria, então, em propor uma espécie de consciência verdadeira e real elucidando historicamente os conflitos internacionais em termos das forças sociais, materiais, ideias e instituições. Em sua lógica argumentativa, Cox frequentemente contrasta a Teoria Crítica com as teorias que ele denomina *Problem-Solving* (teorias que explicam dinâmicas de ordem já estabelecidas, supostamente pouco susceptíveis a mudanças, em perspectiva bastante compartimentalizada). A Teoria Crítica baseia-se num abordagem historicista, observando perspectivas de mudanças sistêmicas significativas no plano histórico. A teoria e a prática seriam separadas de maneira meramente metodológica, constituindo uma unidade singular de ação. A crítica mais contundente às teorias, por assim dizer, *Problem-Solving,* consiste em propor que elas servem a uma manutenção de poder político e econômico. Seria necessário, portanto, uma reflexão histórica acerca dessas modalidades de manutenção do *status quo*.

Para um profundo entendimento da elaboração teórica de Cox, faz-se necessário expor sua inspiração para com os escritos do pensador italiano, Antonio Gramsci[6]. Um ponto principal dessa apreciação de Cox estaria em observar a hegemonia em nível global, como superior a uma dominação material ou militar, ou ainda do bem estar público. Cox pontua:

> Gramsci utilizou o conceito de hegemonia de expressar uma unidade entre as forças objetivas materiais e as ideias ético-políticas - em termos marxistas, uma unidade de estrutura e superestrutura - em que o poder baseado em domínio sobre a produção é racionalizado através de uma ideologia incorporando acordo ou consenso entre grupos "dominantes e subordinados[7] (COX, 1977, p. 387).

Tomado por essa influência Cox reflete sobre o que ele denomina internacionalização do Estado, conferindo tal nomenclatura a qualidade de um processo em que uma nação tem suas instituições, políticas e práticas todas ajustadas a um contexto histórico específico que envolve na sua estrutura o capitalismo e a economia mundial.

A passagem a seguir condensa uma observação de Cox sobre as Relações Internacionais, proveniente de comentadores[8]:

---

[5] No original: "Theory is always for someone and for some purpose."
[6] Para uma melhor observação do apreço do canadense por Gramsci ver COX, 1983.
[7] No original, assim escrito: "Gramsci used the concept of hegemony to express a unity between objective material forces and ethico-political ideas – in Marxian terms, a unity of structure and superstructure – in which power based on dominance over production is rationalized through an ideology incorporating compromise or consensus between dominant and subordinate groups".
[8] Ver a respeito GRIFFITHS, 2008.

> Assim, a imagem dominante das relações internacionais contemporâneas de Cox é radicalmente em desacordo com algumas das interpretações mais benignas se encontra no campo. Ele acredita que a nossa era de "capitalismo globalizante hiper-liberal" é o local de algumas das principais contradições e lutas: entre a retórica da democracia e do 'déficit democrático' causado pela internacionalização do Estado; entre as crescentes exigências de proteção internacional do meio ambiente e a rendição da autoridade estatal ao financiamento corporativo internacional e de negócios; e entre a retórica da vitória na Guerra Fria sobre o socialismo e a desigualdade acelerando dentro e entre os Estados[9](GRIFFITHS, ROACH & SOLOMON, 2009, p. 169.)

Analisando esse fragmento observamos o desacordo com o que pode ser englobado nas teorias *Problem-Solving* referente ao cenário intelectual em Relações Internacionais. Por outras palavras, não se pode pura e simplesmente ter um panorama parcial com vistas à resolução de um problema no plano internacional visando a perpetuação do *status quo* e sim uma visão mais holista abrangente em perspectiva histórica tendo no horizonte a possibilidade de transformações, assim como aquelas já ocorridas.

Direcionando a visão às teorias *problem-solving* Cox pontua que são teorias que aceitam a organização mundial como as encontra, prevalecendo as disposições de sociais, políticas, as instituições e relações de poder. A maneira como estão organizadas representaria as moldagens para análise e compreensão de mundo. Ou seja, são teorias que objetivam justificar e facilitar a manutenção da ordem, a partir da identificação de problemas gerais e resoluções pontuais para tais problemas. Segundo o autor:

> a força das teorias Problem-Solving consiste na sua habilidade de estabelecer limites ou parâmetros para uma área problemática, reduzindo o campo de ação, isolando-a e, finalmente, propondo um número delimitado de variáveis que podem ser consideradas mais precisas e controladas. (COX, 1996, p. 88).

No quesito de conceituação histórica Cox acaba se baseando em autores bastante distintos, tais como George Sorel e E.H. Carr. Enquanto o primeiro tem uma formulação focada em um sindicalismo revolucionário[10], o segundo propõe as relações internacionais com uma visão centrada no Estado. Para além disso, Moolakkttu pontua que:

> Para Cox a relação do idealismo para o materialismo é dialética. Eles são duas formas complementares necessárias para abordar a realidade. Ele afirma que ele tomou o termo de "estrutura histórica" de Fernand Braudel. De Vico ele aprendeu a combinar o único e o geral, para quem 'sem o geral, seria impossível entender ou explicar o único"[...]. Ele então se voltou para Gramsci, para quem a filosofia e história são idênticas: a verdade da filosofia é específica para as forças que a história forma e da intersubjetividade que emerge constitui "objetividade de uma época (MOOLAKKTTU, 2009, p.446)[11].

Esse fragmento serve para observar para além da perspectiva do conceito história em Cox, tem-se também uma fagulha da elaboração intelectual tanto de quão eclética do escritor canadense. Finalmente, sobre historicismo Cox propõe que observar a estrutura como um fragmento temporal em uma trajetória relativa a um processo de mudança estrutural. Esse sentido histórico fornece ferramentas para compreender

---

[9] Assim escrito no original: "Thus, the dominant image of contemporary international relations for Cox is radically at odds with some of the more benign interpretations one finds in the field. He believes that our era of 'hyper-liberal globalizing capitalism' is the site of some major contradictions and struggles: between the rhetoric of democracy and the 'democratic deficit' caused by the internationalization of the state; between the growing demands for international protection of the environment and the surrender of state authority to international corporate finance and business; and between the rhetoric of victory in the Cold War over socialism and the accelerating inequality both within and between states".

[10] Sobre uma aprofundada e substantive análise do pensamento de Sorel, consultar GALASTRI, 2015, p. 97-182.

[11] No original: "For Cox 'the relationship of idealism to materialism is dialectical. They are two necessary complementary ways to approach reality'. He maintains that he took the term 'historical structure' from Fernand Barudel. From Vico he learned to combine the unique and the general, for 'without the general it would be impossible to understand or explain the unique' […]. He then moved to Gramsci, for whom philosophy and history are identical: the truth of philosophy is specific to the forces that shape history and the inter-subjectivity that emerges constitutes the 'objectivity of an epoch".

o contexto da origem da estrutura, bem como a possibilidade de absorver conhecimentos de como transformar tal estrutura.

Cox (1996) menciona conceitos de Hedley Bull acerca de diferentes padrões de Ordem. Bull trabalha ordem como representativo de qualquer tipo de padrão ou regularidade de interações encontrada em qualquer situação social. Embora ordens diferentes produzam anseios diferentes, toda e qualquer ordem possui conjuntos de propósitos e objetivos. Para, além disso, em toda atividade humana repousa um proposito inerente. Cox conclui então, a partir de Bull, que investigar os objetivos e propósitos de diferentes ordens seria interessante para entender a manutenção dessas ordens.

Robert Cox também menciona como Hedley Bull efetua a distinção entre Ordem Mundial e Ordem Internacional:

> A definição de Ordem Mundial compreende uma ordem devidamente transistórica, referindo-se a ordem que prevalece por toda a humanidade, sem prejulgar a maneira que a humanidade se institucionaliza. Por outro lado, Ordem Internacional refere-se a uma ordem particular na história, com condições especificas e limitadas de institucionalização. (COX, 1996, p. 148-149)

Analisando como se daria as condições de ordem mundial relativo à superação do modelo estatal moderno Cox novamente dialoga com Hedley Bull. Ele entende que uma alteração no modelo de força e centralidade de Estados, com fortes tendências neorrealistas estaria em crise, visto que numerosas novas entidades estatais estariam sendo criadas na segunda metade do século XX. Cox argumenta que os neorrealistas desconsiderariam essas entidades estatais menores no xadrez de poder e relevância internacional. Cox, em desacordo com a prerrogativa neorrealista, pontua:

> Potências menores, no entanto, alteram o meio de relações interestatais. Eles têm um interesse coletivo em erigir limites da atividade de grande potência; e incentivam normas de comportamento internacional que são anticolonialistas e anti-intervencionistas e que favorecem a redistribuição dos recursos globais. Mesmo como vítima, o pequeno Estado destaca uma mudança de hegemonia ao domínio, minando certezas morais, sublinhando arbitrariedade e saída, da dominação[12]. (COX, 1996, p.153)

Essa relevância que os entes estatais menos poderosos trazem à tona serve de base para a crítica de Cox sobre a relevância da entidade Estado defendida fervorosamente pelos neorrealistas[13]. Cox trabalha que formalmente o Estado era visto como um verdadeiro baluarte e defensor da economia das ameaças externas. Posteriormente, porém, esse caráter mudou para algo mais assistencialista que determinista da economia da nação. Ele estabelece ainda que "nesse novo cenário de mudança de capacidades do Estado, seria mais preciso aplicar o termo formas estatais, que definiriam diferentes formas e condições para sociedades se inserirem no advento da economia política global" (COX, 1996, p.155).

Além disso, essas mudanças de capacidades causam aberturas de oportunidades para uma espécie de melhor autoexpressão de diferentes atores que não são Estados. Isso inclui corporações multinacionais, bancos transnacionais, movimentos sociais como feminismo, movimentos em prol de pacificidade, todos com manifestações extranacionais. O desenvolvimento dessas expressões não estatais credita qualidade à visão de Hedley Bull sobre o conceito de neomedievalismo, que será observado mais adiante.

---

[12] No original: "Lesser powers do, however, alter the milieu of inter-state relations. They have a collective interest in erecting limits of great-power activity; and they encourage norms of international behavior that are anti-colonial and anti-interventionist, and which favor redistribution of global resources. Even as victim, the small state highlights a shift from hegemony to dominance, undermining moral certainties, underlining arbitrariness and departure from rule".

[13] Deve ser ressaltado que, além da centralidade dos Estados com maior poder na abordagem tradicional e realista, o neorrealismo em particular enfatiza a tendência ao equilíbrio do sistema internacional em função da constante busca dos Estados com maior capacidade militar de se contrabalançarem neste aspecto uns aos outros. Ver a respeito WALTZ, 1979.

Antes de trabalhar o conceito de neomedievalismo faz-se necessário discorrer sobre a Escola Inglesa e o Realismo, ambos direcionados à produção intelectual de Hedley Bull. Bull é frequentemente associado à sua tendência de se aproximar ao Realismo, escola de pensamento que observa nas relações internacionais a preponderância das relações políticas entre Estados. Ainda sobre o realismo, Rodrigo Passos sintetiza:

> No que se refere às Relações Internacionais, realismo remete a uma centralidade (mas não exclusividade) do foco analítico nos Estados, sem que, com isso, possa ser generalizado o entendimento normalmente associado a tal rótulo de que os conflitos internos dos Estados não são importantes para a compreensão dos fenômenos no além-fronteiras, como sustentam algumas abordagens. Associado à centralidade da lógica do poder e do interesse dos diversos agentes políticos, o realismo, no plano internacional, compreende que a política no além-fronteiras, com muitas dificuldades, se transforma – à imagem e à semelhança da natureza humana – pouco permeável a eventuais mudanças. O conjunto dos autores classificados sob o rótulo do realismo daria maior ênfase ao Estado como agente político no âmbito internacional. (PASSOS, 2013: p. 28).

Novamente, o livro de Martin Griffths citado anteriormente oferece uma condensação justa e razoável do construto intelectual de Bull:

> Hedley Bull claramente tentou articular e defender o chamado Racionalismo ou o que ele denominava de abordagem neogrotiana para a teoria e a prática em Relações Internacionais. Desconfiado das constantes ameaças da anarquia e presença da política de poder, e ainda simpático ao apelo cosmopolita de uma 'sociedade mundial' que daria prioridade para a justiça para indivíduos em detrimento dos Estados, era uma abordagem que intencionava mediar os extremos. Ele próprio o fez, a partir da pontuação relativa à sociedade internacional, como uma ordem real, porém frágil, comprometendo assim a tendência realista que equiparara o sistema e a sociedade, enquanto mantinha a esperança de que tal ordem normativa poderia ser expandida para refletir as preocupações mais cosmopolitas do futuro. A abordagem de Bull era fundamentalmente moderada, e neste sentido de tentar mediar entre extremos, observa-se muito do seu trabalho relacionado com a intervenção, a história da sociedade internacional, e o potencial de controle de armas na mediação entre a busca pela superioridade estratégica durante a Guerra fria e o desejo de oposição a isto com vistas ao desarmamento completo[14] (GRIFFITHS, ROACH & SOLOMON, 2008, p. 215)

Por que a menção ao neomedievalismo na linha de raciocínio aqui desenvolvida? Este é efetivamente um ponto de Bull endossado por Cox (1996: p. 155, 313) é de uma nova ordem pós-westfaliana sem os padrões tradicionais de soberania. Lembrando que a noção de ordem mundial de Cox não é a mesma de Bull. Cox incorpora o componente gramsciano de consenso e de cultura relacionados à hegemonia na definição de ordem. Em tal definição, além da dominação, o autor canadense define também como as configurações de forças específicas em termos de paz, moldam a paz e a guerra no conjunto dos Estados (COX, 1996: p. 100)

Bull elabora em sua obra "A Sociedade Anárquica" conceitos como governo mundial e neomedievalismo. Um dos aspectos mais relevantes dessa obra seria o exame sistemático que ele propõe sobre o conceito de ordem. Ele define ordem como um padrão de atividades que sustentam objetivos

[14] No original: "Hedley Bull clearly attempted to articulate and defend rationalism, or what he called a neo-Grotian approach to the theory and practice of international relations. Wary of the constant dangers of anarchy and the presence of power politics, yet sympathetic to the cosmopolitan appeal of a putative 'world society' that would give priority to justice for individuals rather than states, this approach sought to mediate between the extremes. Bull himself did so by postulating international society as a real but fragile normative order, thereby undermining the realist tendency to equate system and society, while holding out the hope that such a normative order could be expanded to reflect more cosmopolitan concerns in the future. Bull's approach was fundamentally a moderate one, and this sense of trying to mediate between extremes comes through in much of his related work on intervention, the history of international society, and the potential of arms control in mediating between the search for strategic superiority during the Cold War and the opposing desire for complete disarmament".

elementares em uma sociedade, tais quais segurança e sua manutenção, proposição de acordos e proteção de direitos de propriedades. Essas metas sociais são posteriormente transubstanciadas para a peculiaridade do sistema internacional, aparecendo como preservação da soberania dos Estados e paz como condição primordial entre os membros desse sistema.

No final de sua vida, Bull atentou-se em seus escritos sobre o tema das ordens mundiais e sobre a fragilidade da manutenção de algumas instituições da sociedade internacional. Conforme o livro de apoio já citado:

> Em segundo lugar, a Bull descreveu a história da sociedade internacional em termos da expansão de seu alcance geográfico, um processo que se acelerou dramaticamente com a descolonização e a criação de mais de 100 novos estados, bem como o enfraquecimento do consenso cultural que havia sustentado a sociedade de Estados no passado. As instituições da sociedade internacional foram exportadas da Europa para o resto do mundo. Sua força dependia de novos membros terem uma participação na sua sustentação. Bull preocupava-se no sentido de que qualquer "revolta contra o Ocidente", particularmente se fosse baseada em percepções generalizadas de neocolonialismo econômico e crescente desigualdade entre ricos e pobres, prejudicaria as próprias instituições que precisavam ser reformadas, com base no auto-interesse esclarecido, por aqueles que beneficiaram mais deles[15] (GRIFFITHS, ROACH & SOLOMON, 2008, p. 217).

Absorvendo sua visão sobre história da sociedade internacional é pertinente agora trabalhar o conceito por ele proposto, e por Cox recuperado, de neomedievalismo:

> Se emergisse uma forma alternativa de ordem política universal que fosse mais do que uma simples mudança de fase ou condição do sistema de estados, mas representasse a completa superação do sistema tal como o conhecemos, essa transformação teria de extinguir alguns dos seus atributos essenciais: a existência de estados soberanos; a interação entre eles, de modo a formarem um sistema; e um certo grau de aceitação de regras e instituições comuns, que fazem com que esses estados constituam uma sociedade (BULL, 1997, p. 280)

No fragmento de seu livro em que aborda justamente o tema de um novo medievalismo, Bull propõe uma análise caso os estados soberanos desaparecessem e fossem substituídos por um "equivalente moderno e secular do tipo de organização política universal que existiu na Cristandade Ocidental, durante a Idade Média" (BULL, 1997, p. 286). Esse sistema não possuía nem estados nem governos considerados soberanos (no sentido de possuírem uma autoridade superior em algum dado território, nem em relação aos indivíduos que rodeavam essa constelação de poder). Eram governos que partilhavam níveis de autoridade e governança, ora com vassalos em um nível inferior e ora com as autoridades religiosas em um nível superior. Ou seja, uma concepção de universo cristão, com um governo que não atingia o patamar de universal, porém, representava uma alternativa política para o sistema de estados.

Considerando que o modelo medieval era baseado em um Deus único e onipotente, e um sistema de condição teocrática *sine qua non,* parece improvável uma retomada desse modelo, para tanto Bull analisa como seria uma tradução moderna desse modelo, com um teor menos fantasioso. A resposta seria "um sistema de lealdades múltiplas e autoridades sobrepostas" (BULL, 1997, p. 286). Sabe-se que na atualidade os Estados soberanos dividem poder político com outras atores internacionais, assim como na

[15] Assim citado no original: "Second, Bull described the history of international society in terms of the expansion of its geographical scope, a process that accelerated dramatically with decolonization and the creation of over 100 new states, as well as the weakening of the cultural consensus that had underpinned the society of states in the past. The institutions of international society were exported from Europe to the rest of the world. Their strength depended upon new members having a stake in sustaining them. Bull worried that any 'revolt against the West', particularly if it were based on widespread perceptions of economic neocolonialism and growing inequality between rich and poor, would damage the very institutions that needed to be reformed, on the basis of enlightened self-interest, by those who benefited most from them".

época medieval os governantes dividiam poderes com níveis superiores e inferiores como supracitado. Bull então estabelece que:

> se os estados modernos dividissem sua autoridade vis-à-vis os cidadãos e a sua capacidade de comandar a lealdade desses cidadãos com certas autoridades regionais e mundiais, e de outro lado com autoridades sub-estatais ou sub-nacionais, de tal forma que o conceito de soberania deixasse de ser aplicado, poderíamos dizer que tinha surgido uma ordem política neomedieval. (BULL, 1997, p.287).

Sobre esse modelo Bull finalmente conclui que:

> O argumento a favor desse modelo de organização política universal como método para assegurar a ordem mundial mais eficaz do que o do sistema de estados baseia-se no fato de que ele promete evitar os clássicos perigos do sistema atual, mediante uma estrutura de autoridades sobrepostas e de lealdades cruzadas, que reuniria todos os povos do mundo em uma única sociedade universal e evitando, ao mesmo tempo, a concentração de poder inerente a um governo mundial. Os que duvidam da superioridade do modelo neomedieval afirmam que não há garantia de que ele seria mais propício à ordem do que o sistema de estados soberanos, e não menos favorável. É concebível que se pudesse instituir uma sociedade universal deste tipo, fornecendo uma base firme para a realização das metas elementares da vida social. No entanto, se repetisse o precedente vivido pela Cristandade Ocidental, traria mais insegurança e uma violência mais contínua e difusa do que o moderno sistema de estados. (BULL, 1997, p. 287)

Concluímos desse fragmento e da linha de raciocínio até aqui empreendidos pontos importantes. Cox busca caracterizar a teoria crítica em termos históricos, totalizantes e de transformação por oposição a certos enfoques *problem-solving*, nos quais o realismo figura. O questionamento de Cox do realismo não alcança a formulação de Bull no tocante ao neomedivealismo por ele retratado: um eventual cenário de uma ordem mundial transformada em termos de uma significativa relativização dos parâmetros de soberania estatal.

Antes da abordagem metodológica sobre ecletismo, cabe uma breve menção sobre o arcabouço teórico denominado Realismo Crítico, uma das alusões feitas à abordagem coxiana (FALK, 1997) e também o rótulo como Cox se assume em certo momento sobre a discussão acerca do realismo (COX, 1997). Ele identifica o realismo clássico como uma abordagem dotada de historicidade para compreender as relações entre os Estados e a maneira como eles foram moldados em termos ideológicos, políticos, econômicos e sociais. Entrariam nesta clivagem os primeiros realistas, Todavia, o neorrealismo rompeu tal perspectiva, despindo a abordagem de sua historicidade e transformando-o em um conjunto de enunciados válidos para qualquer momento histórico.

O realismo crítico funciona como uma ação de destaque para possibilidades futuras com respeito ao caráter da ordem mundial, mas projeta essas alternativas para o presente com um reconhecimento sensível dos limites do aumento do conhecimento dando a uma postura de incerteza radical sobre o futuro das relações internacionais.

Realistas críticos também apresentam uma posição "antiutópica" em suas constelações intelectuais. Propõe-se aqui uma ênfase em Bull e Cox, servindo das diferenças intelectuais deles, porém almejando uma explanação geral do realismo crítico. Nesse âmbito o autor propõe que o que essas diferentes visões de mundo de autores distintos teriam em comum seria a insistência em basear em uma análise diferenciada do arcabouço dominante do realismo. Essa abordagem está em acordo com uma variedade dinâmica sobre acordos e arranjos políticos, que oferecem diferentes opções de análise de ordem mundial, diferente do padrão positivista de proposta de hipóteses e soluções de problemas pontuais. Os realistas críticos contrastam com os neorrealistas, pois ressaltam possibilidades futuras sobre o caráter da ordem

mundial, projetando esse futuro para o presente, possibilitando manobras sensíveis e modestas para com a incerteza do futuro das relações internacionais.

É pertinente agora, observar o critério de rotulagens e ecletismos teóricos dos pensadores principais desse trabalho. Rodrigo Passos pontua de maneira justa e razoável sobre rótulos teóricos e de pensadores:

> Há que se ressalvar a existência de vários dissensos no realismo internacionalista do século XX em seus vários representantes teóricos. Não se pode tratar de todos os pressupostos ou aspectos teóricos de distintos autores efetuando-se, pura e simplesmente, generalizações a partir de um rótulo. Conforme sublinhou o historiador Pierre Rosavallon, não se pode apegar a um exagerado tipologismo – no caso específico em pauta, o realismo – ou classificação que se leve a prescindir do estudo efetivo e específico das obras e do pensamento de cada autor em particular (PASSOS, 2011: p. 91).

Sobre o ecletismo José Jeremias de Oliveira Filho escreve ainda:

> [...] o ecletismo como patologia metodológica seria definido como uso de conceitos fora de seus respectivos esquemas conceituais e sistemas teóricos, alterando seus significados. A ocorrência do termo sem definição que reduzisse ou eliminasse a sua ambigüidade, não permitiria saber a qual de vários conceitos possíveis está associado. Inadvertidamente, muitas vezes, utiliza-se o sinal que expressa o conceito, mas não o próprio conceito. O discurso torna-se vazio ou obscuro sem que o cientista social perceba que a sua linguagem pode dificultar a comunicação. Se tal ocorrência é grave ao nível da teoria, será gravíssima em nível metateóríco ou meta-sociológico. Neste caso os conceitos metodológicos desprovidos de suas características limitar-se-ão a nomeações e classificações rituais de posturas sem qualquer influência nas estratégias de investigação, o que é comum em textos produzidos por autores desprovidos de treinamento metateórico. Termos vazios de significado não podem funcionar como instrumental de reconstrução teórica ou metodológica. Esta é uma caracterização, diremos que, formal do ecletismo. (OLIVEIRA, 1995, p. 263).

Após a demonstração dos constructos teóricos dos autores foco desse projeto, bem como do referencial metodológico, é pertinente agora operar sobre os objetivos desse trabalho.

Primeiramente após observar os pontos pertinentes da teoria crítica de Robert W. Cox observar-se-á as diferenças para com o realismo. Visto que o realismo corresponde ao que Cox trabalha como teorias *problem-solving* as diferenças são bastante pontuais.

A Teoria Crítica como já proposto está baseada em uma abordagem historicista, com viés de análise não emoldurado em sistemas teóricos engessados e já consolidados nas Relações Internacionais. Subjaz na teoria critica também um caráter de almejar transformações no sistema internacional, bem como uma abordagem orgânica do plano teórico para com o plano real. Por outro lado nas teorias *problem-solving* temos não um caráter de mudança e sim de aceitação da organização mundial como já está dada. Não oferece uma crítica às disposições já estabelecidas dos âmbitos econômico, político, de instituições e relações de poder. Sintetizando seriam teorias de manutenção do *status quo* que originalmente foi responsável pela própria formulação dessas teorias.

Partindo agora para o apreço de Cox por Hedley Bull. Conforme mencionado anteriormente (COX, 1996) o escritor canadense faz algumas referências ao conceito de ordem e neomedievalismo de "A Sociedade Anárquica" de Bull. A relação mais visível está certamente no processo intelectual que Bull utiliza para formular os conceitos de ordem, ordem mundial e ordem internacional. Neles Bull observa com um tom, podemos chamar um tanto quanto livre de rotulagens e premissas, para finalmente constituir seus conceitos. Ele pontualmente mostra que o conceito de ordem mundial, que considera bastante interessante, não tem condições de trabalhar unicamente com o Realismo nem com o idealismo, e propõe então uma

abordagem mista. Sua conceituação do neomedieval também foge dos rótulos já consagrados em Relações Internacionais, representados por realismo e idealismo. Essa proposta de negativar as teorias principais como unicamente possíveis para elaborar sua teoria, muito provavelmente, influenciou o apreço de Cox pelo australiano Hedley Bull

Finalmente sobre o uso de conceitos teóricos muitas vezes não sinérgicos na obra de Cox, em especial para com Bull. De fato, a partir do referencial teórico proposto, Cox usa e abusa de interações teóricas muitas vezes sem qualquer possibilidade de operarem num mesmo cenário de reflexão teórica. Com uma formulação teórica bastante plural, Cox introduz numerosos autores de diferentes momentos históricos, situações políticas, de rótulos muitas vezes incompatíveis. Embora argumente suas referências com coesão, Cox falha em transmitir devidamente os conceitos dos outros autores ao seu constructo teórico, principalmente por muitas vezes não explanar os respectivos esquemas conceituais e sistemas teóricos. Ou seja, ele aplica conceitos que, na verdade, só fazem sentido dentro do aparato teórico do autor em sua origem. Essa manobra pode e deve ser considerada como ecletismo.

O fato crucial é que Bull também acaba sofrendo desse mesmo problema de construção teórica. Conhecido como um dos expoentes da Escola Inglesa, Bull em boa parte da sua teoria transita por sistemas teóricos diferentes e, até em alguns casos completamente opostos, sem devidamente utilizar de uma explicação sobre as bases fundamentais dessas teorias.

Sobre o ecletismo na Escola Inglesa, Passos pontua muito bem como opera essa construção um tanto quanto plural em passagem longa, mas não menos importante:

> Existe a possibilidade de um argumento ou construto teórico compatibilizar adequadamente autores com premissas distintas entre si, desde que, em conformidade com os objetivos do argumento a ser construído, haja algumas premissas próximas, semelhantes, que permitam tal conciliação. Não encontramos no argumento dos autores da Escola Inglesa tal preocupação ou qualquer justificativa ou relação entre duas tradições teóricas distintas que possibilitem esse encaixe perfeito do quebra-cabeças. Não há, portanto, no dizer de Oliveira Filho uma compatibilização adequada como "pluralismo metodológico". Há, sim, um ecletismo. Expliquemos esses dois pontos, as incompatibilidades que referem à tradição realista e revolucionista como extremos lógicos e o ecletismo.
>
> Wight e Bull passeiam pela história sem nenhum cuidado. Príncipes, reis, governantes, generais são mencionados ao tratar sobre diferentes períodos. Por outras palavras, Wight desconsidera as forças sociais envolvidas no contexto histórico, as classes sociais e suas frações, subdivisões internas. Ao mencionar de modo pouco cuidadoso diferentes períodos históricos para ilustrar certo raciocínio ou conceito, o fazem de modo absolutamente superficial, sem atentar para a especificidade histórica de cada um dos momentos mencionados;
>
> Usam um conceito de filosofia datado, transistórico. Tudo na história seria organizado em torno de três tradições teóricas sem que se atentasse para a diferença de cada período e se o mesmo se adéqua às três tradições, ou uma delas, em especial, com muito cuidado e rigor (PASSOS, 2013: p. 33).

Além do ecletismo da Escola Inglesa, um ponto crucial diz respeito à maneira como Cox incorpora a perspectiva de neomedievalismo de Bull. Tanto a justaposição teórica de autores efetuada por Bull quanto a de Cox ensejam vários problemas de incompatibilidade teórica, ecletismo e impossibilidade, diante disto, de desdobrar suas categorias teóricas em termos de estratégias de investigação.

Bull e a Escola Inglesa justapõem diferentes autores com distintas percepções sobre a natureza dos conflitos no plano internacional, sua história, quando busca acomodar todas as três distintas visões no mesmo construto teorético. Talvez a superficialidade com a qual aborde a história se relacione justamente a uma análise simplória que não leva em conta todos estes aspectos. Por outras palavras, existem consequências

metodológicas desconsideradas ao se adotar o referencial de análise de Maquiavel ou de Kant ou de Grotius. Autores certamente com pontos em comum entre si, mas também com muitas divergências.

No que diz respeito a Cox, salta aos olhos que não tenha claramente definido um conceito de história. Trata a mesma história sem diferenciá-la conceitual e metodologicamente ao justapor sua concepção de história que não se pauta pela repetição e ao acrescentar Bull em sua elaboração crítica. O sistema de Estados de Bull é repetidamente anárquico, ponto que refere à natureza única do plano internacional e da natureza humana, pontos contestados por Cox quando critica as teorias *problem-solving*. Faz parte da análise de Bull sobre o neomedievalismo incorporado por Cox a premissa da perspectiva repetitiva e anárquica, antissocial do sistema internacional. Por sua vez, Cox endossa um sentido de história semelhante à perspectiva marxista em alguns aspectos, ao vê-la como não dotada de um sentido único ou compreensão de uma única natureza humana. Portanto, dois conceitos incompatíveis entre si de história. Sinaliza-se o conceito sem poder efetivamente desdobrá-lo empiricamente porque incorre em um discurso vazio típico de uma abordagem eclética como foi sinalizado acima. A confusão aumenta quando Cox sustenta em seu livro de memórias (COX, 2013) que a teoria crítica seria mais adequada a períodos mais propensos a mudanças e crises, como o pós-Guerra Fria por oposição às teorias *problem-solving*, mais adequadas para a análise da Guerra fria, período mais estável. Cox "flutua" na sua obra e entre vários raciocínios, não estabelecendo sequer uma coerência no sentido de defender de modo mais substantivo sua própria teoria crítica.

Chama a atenção o fato de Cox escrever que busca apoiar-se em Gramsci. Tal autor buscou enriquecer o marxismo não justapondo ou simplesmente "colando", adicionando diferentes autores à tradição marxista. O esforço de ressignificação (GRAMSCI, 1975: p. 469 e 849), "tradução" (no próprio dizer gramsciano) para não incorrer em ecletismo justifica, por exemplo, o modo como Gramsci incorporou Maquiavel à sua escrita sem incorrer em ecletismos. O secretário florentino é marcadamente defensor da natureza humana única, ponto contestado por Gramsci e por ele ressignificado em termos da historicidade variável, dinâmica (GRAMSCI, 1975: p. 1598-1599). Tal cuidado metodológico não é certamente a tônica de Cox tampouco a forma como também incorpora a reflexão do comunista sardo no conjunto de sua obra[16].

Feita toda esta exposição, passemos às considerações finais.

3. Considerações Finais

Após breve levantamento de aparato teórico e posterior atenção aos objetivos e hipóteses previamente propostos, podemos considerar Robert W. Cox como um autor bastante interessante para as Relações Internacionais como campo de estudos, porém, em muito de sua teoria Cox falha ao trazer conceitos e arcabouços teóricos renomados, sem a devida atenção de explicar e contextualizar a origem desses conceitos. Em Hedley Bull também observamos bastante dessa falha sem, no entanto, prejudicar sua relevância para com as Relações Internacionais. A conclusão geral desse texto é que são autores imensuravelmente importantes para o campo das Relações Internacionais, visto que suas contribuições são plurais e possuem enorme relevância no momento atual. Porém, deve-se, ao consumi-las, atentar-se ao uso de conceitos de outros autores e diferentes teorias, e com atenção filtrar e investigar as referências que eles usam, para um entendimento efetivo e eficaz. Vale lembrar que como Cox pontua, as teorias são sempre feitas por um alguém que possuí um propósito ao elaborá-la. Dessa forma atenção e paciência são primordiais para averiguar diferentes teorias, inclusive essas que foram apresentadas no decorrer desta pesquisa.

4. Referências

BULL, Hedley. **A Sociedade Anárquica.** Um estudo da ordem na política mundial. São Paulo: Imprensa Oficial, Brasília: Editora Universidade de Brasília, IPRI, 2002.

____. International theory: the case for a classical approach. In: KNORR, Klaus & ROSENAU, James N. (ed.): **Contending Approaches to International Politics**, Princeton: Princeton University Press, 1969, p. 20-38.

[16] Tal ponto foi demonstrado e desenvolvido de forma substantivo em PASSOS, 2016.

CARR, Edward Hallett. **Vinte anos de crise**: 1919-1939: uma introdução ao estudo das relações internacionais. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2001.

COX, Robert W. **Approaches to world order.** Cambridge: Cambridge University, 1996.

____. Gramsci, hegemony and international relations: an essay in method. *Millennium – Journal of International Studies*, v. 12, n. 2, p. 162-175, 1983.

____. Social Forces, States and World Order: Beyond International Relations Theory. *Millennium – Journal of International Studies*, v. 10, n. 2, 1981, p. 125-155.

____. (Ed.). **The new realism:** perspectives on multilateralism and world order. Tokyo: United Nations University Press, 1997.

____. **Universal Foreigner:** The Individual and the World. World Scientific Publishing Company, 2013.

FALK, Richard. The critical realist tradition and the demystification of interstate power: EH Carr, Hedley Bull and Robert W. Cox. In: GILL, Stephen & MITTELMANN, James H. **Innovation and Transformation in International Studies**, Cambridge: Cambridge University, 1997, p. 39-55.

GALASTRI, Leandro. **Gramsci, Marxismo e Revisionismo**, Campinas: Autores Associados, 2015.

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del carcere**, Torino: Einaudi, 1975.

GRIFFITHS, Martin; ROACH, Steven C.; SOLOMON, M. Scott**. Fifty key thinkers in international relations.** New York: Routledge, 2008.

MOOLAKKATTU, John S. Robert W. Cox and critical theory of international relations. *International Studies*, v. 46, n. 4, 2009, p. 439-456.

MORGENTHAU, Hans J. **A política entre as nações**: a luta pela guerra e pela paz. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2003.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. A reflexão metodológica em Florestan Fernandes. *Revista USP*, n. 29, p. 82-85, 1996.

____. Patologia e regras metodológicas. *Estudos Avançados*, v. 9, n. 23, 1995, p. 263-268.

PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos. Breves notas sobre a recepção das idéias maquiavelianas no pensamento militar e na Teoria das Relações Internacionais. *Tempo da Ciência*, 2013, p. 27-39.

____. Gênero e realismo político: uma análise. In: OLIVEIRA, Odete Maria de. **Relações Internacionais: a questão de gênero**. Ijuí: Unijuí, 2011, p. 83-122.

____. Robert W. Cox, Hedley Bull, o realismo e o liberalismo: crítica ou coerência? *Revista Brasileira de Estudos Estratégicos*, v. 8, n. 15, jan-jun 2016, p. 83-99.

WALTZ, Kenneth. **Theory of International Politics**, Reading: Addison-Wesley Publishing Company, 1979.